

## **Aspectos na Manutenção da Identidade em um espaço de Colonização: Linha LC 80, Ouro Preto do Oeste-Rondônia.**

AMANDA RAYERY DE AGUIAR SOARES<sup>1</sup>

EDUARDO SERVO ERNESTO<sup>2</sup>

### **Resumo**

Neste trabalho procuramos fazer algumas considerações a respeito de representações culturais de migrantes na linha LC 80, localizada na zona rural do município de Ouro Preto do Oeste - RO. Tais representações estão ligadas a práticas religiosas deste grupo, que ao serem recriadas em seu novo convívio social, contribuem para manutenção da identidade de grupos que passam pela experiência da migração.

**Palavras-chave:** Migração, Identidade, Ouro Preto do Oeste.

### **Abstract**

In this paper we make some considerations about cultural representations of migrants in line LC 80, located in the rural city of Ouro Preto do Oeste - RO. Such representations are linked to religious practices of this group, to be recreated in their new social life, contribute to maintaining the identity of groups who experienced the migration.

**Keywords:** Migration, Identity, Ouro preto do Oeste.

### **INTRODUÇÃO**

A temática deste artigo é um recorte de pesquisas desenvolvidas pelos autores, ambos desde a iniciação científica trabalham com migração na região centro sul de Rondônia, a partir de uma abordagem cultural, sendo assim, os temas de interesses aqui

---

<sup>1</sup>Mestrando em História e Estudos Culturais da Universidade Federal de Rondônia, Licenciada e Bacharel em História pela mesma instituição. Bolsista do CNPQ.

<sup>2</sup> Mestrado em História e Estudos Culturais da Universidade Federal de Rondônia, Licenciado e Bacharel em História pela mesma instituição. Bolsista do CNPQ.

giram em torno de práticas de representações identitárias ligadas à religiosidade de migrantes da Linha LC 80, na cidade de Ouro Preto do Oeste Rondônia.

A migração nesta região se deu sob forte interferência do estado. Iniciou-se a partir da década de 1970, período este que, segundo Becker (1990, p. 148), o Estado com um perfil militarista procurou centralizar o poder de modo autoritário, promovendo políticas de integração nacional, fomentando, portanto, fortemente o povoamento da Amazônia. Nesse contexto, tornou-se fundamental o controle territorial em partes da região amazônica. No caso do primeiro projeto de colonização de Rondônia, o PIC Ouro Preto, que serviu de efeito-demonstração para os demais, esta estratégia se fez por meio de processos de planejamentos nos quais foram alocados milhares de famílias vindas principalmente da região centro-sul do país.

É a partir deste contexto sócio-histórico que pretendemos abordar como se deu o processo de reconstrução de elementos sociais pertinentes às identidades culturais dos migrantes da região de Ouro Preto do Oeste em Rondônia, através das práticas de representações religiosas

Consideramos de suma importância este trabalho, uma vez que, dentro do recorte espaço-temporal acima, praticamente não há pesquisas relacionadas à análise dos elementos culturais destes migrantes. Dentre os estudos realizados sobre tal assunto a grande maioria foi feita por pesquisadores de outros estados que ficavam em Rondônia apenas durante a fase de trabalho de campo e posteriormente voltavam para suas regiões de origem. Desse modo, ficando difícil um contato mais amplo com estes pesquisadores, dificultando, portanto, a criação de uma rede de pesquisa e/ou de pesquisadores do tema.

Do ponto de vista teórico-metodológico, a maioria dos trabalhos até hoje sobre os PICs em Rondônia focalizam a análise sobre as causas da migração. Enfatizaremos aqui, então, as identidades criadas no âmbito da manutenção das representações de migrantes da linha LC 80, no município de Ouro Preto do Oeste.

Do ponto de vista qualitativo entendemos que se faz importante para concretização da pesquisa em humanidades na Amazônia abordar elementos das práticas de representações dos diferentes grupos humanos que vivenciam esta espacialidade, e por isso é necessário conhecer como pensam, como viveram/vivem e principalmente como produzem, reproduzem e interpretam o local em que vivem sempre por meio de práticas de significação ligadas às identidades destes mesmos grupos.

Respaldamo-nos aqui em teóricos que norteiam elementos fundamentais em nossa abordagem. Toma-se como referência a noção de identidade formulada por Stuart Hall (1997, p.8), em que as identidades sociais são construídas a partir de representações dentro de discursos culturais que informam como um dado grupo vive e compartilha seus significados. Isto se relaciona à centralidade da cultura na constituição da subjetividade, da própria identidade, e da pessoa enquanto ator social. O referido autor entende cultura como um discurso de existência e práticas sociais dependente de um dado significado para “produzir efeitos” dentro deste mesmo discurso. Em outras palavras, isto significa dizer que as identidades sociais são construídas dentro do processo interior de representação, sendo inerente à própria cultura e não externa a ela.

Ainda para Hall (2003), as identidades culturais estariam em crise graças aos deslocamentos populacionais ocorridos no mundo contemporâneo. Sendo assim, o referido autor discute o conceito de *diáspora*, significando as identidades formadas a partir do espalhamento dos povos que saem de sua terra de origem para tentar a vida em outros locais. Assim, são povos que abandonam seus países, mas jamais se desapegam de suas origens, mantendo através de um resgate de suas tradições a cultura na qual nasceram. Isso se dá através da manutenção de elementos da forma de pensar e agir, como a religião e a língua, em reuniões em espaços escolhidos e consolidados (guetos) dentro do novo contexto social.

Dentro deste contexto, Hall (2001) explica que as identidades vêm de algum lugar, no sentido de possuírem histórias, e, como tudo que é histórico, elas sofrem uma

transformação constante. Longe de estarem eternamente fixas num passado essencializado, estão sujeitas ao contínuo “jogo” da história, da cultura e do poder, constituindo assim um legado capaz de manter viva a construção social e cultural de uma dada comunidade.

Halbawchs (2009: p. 157-182) nos mostra como as lembranças de um grupo religioso são trazidas pela visão de determinadas localizações, a forma da casa, os móveis, são configurações que lembram o cotidiano dessas famílias e de seus vizinhos.

Quanto aos procedimentos metodológicos, utilizamos a História Oral, que, segundo (CARDOSO: 1997: p.8), vem sendo muito aplicada nos últimos anos entre os historiadores. Conforme explica Alberti (2005: p. 18), a História Oral é uma metodologia de pesquisa na área sócio-humana (histórica, antropológica etc.) que privilegia a realização de entrevistas com pessoas que participaram de, ou testemunharam acontecimentos, como forma de se aproximar do objeto de estudo. Ainda, segundo a referida autora, esse processo metodológico permite o acesso a “histórias dentro da história” e dessa forma amplia as possibilidades de interpretação do passado.

Ainda, para Alberti (2010), a riqueza da História Oral está relacionada ao fato dela permitir o conhecimento de experiências e modos de vida de diferentes grupos sociais. Pois, para ela, dependendo de seu alcance e dimensão essa metodologia permite alterar a hierarquia de significações historiográficas.

Demais, para a referida autora em trabalho anterior (2005), é muito comum que as pessoas se confundam e considerem a entrevista de história oral como a própria “história”, tendo a ilusão de se chegar à “verdade do povo”. Mas, de modo ponderado, Pesavento (2003) explica que através das fontes é possível reconstruir representações do acontecido.

Portanto, trabalharemos com fontes orais do Arquivo do grupo de pesquisa CDEAMPRO<sup>3</sup> (Centro de Documentação e Estudos Avançados sobre Memória, Patrimônio e História de Rondônia) disponíveis a partir de projetos desenvolvidos pela Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup>

---

<sup>3</sup> Grupo de pesquisas vinculado ao Departamento de História da Universidade Federal de Rondônia – UNIR.

Lilian Maria Moser<sup>4</sup> entre janeiro de 2008 e maio de 2011. Também utilizaremos fontes visuais, visto que os registros em imagens enfocando esses migrantes possibilitam leituras de códigos da cultura deste grupo.

### **PROJETO DE COLONIZAÇÃO: PIC OURO PRETO.**

O município de Ouro Preto do Oeste, distante aproximadamente 328 km da capital Porto Velho, possui uma área de 1.969,852 km<sup>2</sup>, foi criado pela lei N. 6.921 de 16 de junho de 1981, assinado pelo então presidente da República João Batista Figueiredo, com área desmembrada do município de Ji-Paraná, recebeu esse nome devido aos técnicos do INCRA que, no início da colonização, identificaram um tipo de solo roxo escuro que denominaram Ouro Preto Modal. O acréscimo do *Do Oeste* foi necessário para diferenciar de outro conhecido município homônimo em Minas Gerais. Compõe a micro região IV de Ji-Paraná, juntamente com outros dez municípios. Faz limite ao norte com Jaru e Vale do Paraíso; ao sul Teixeiraópolis e Nova União; a leste Ji-Paraná; a Oeste Jaru. Atualmente, de acordo com dados do censo 2010, possui uma população de 37.298, sendo 25,65% pertencente à Zona Rural, o que o classifica como urbano.

Conforme explica Becker (1990: p.11), na década de 1970 o governo federal passou a atuar diretamente em Rondônia dirigindo e executando processos de povoamento, provocando mudanças na conjuntura econômica e social. Uma estratégia que segundo esta autora retiraria o controle da distribuição e ocupação de terras dos governos estaduais para o governo federal. Pensava-se que esta seria a maneira capaz de solucionar conflitos sociais, e que funcionaria como uma estratégia política de diminuição de tensão nas grandes áreas urbanas e nas áreas rurais densamente povoadas, absorvendo produtores sem terra.

Podemos destacar, segundo a autora acima mencionada, duas categorias de projetos de colonização. São eles: os oficiais, executados pelo governo, e os de colonização de

---

<sup>4</sup> Doutora em Ciências Socioambientais, Professora Titular do Departamento de História da Universidade Federal de Rondônia- UNIR.

iniciativa particular. Este último, segundo Moser (2008), era realizado por empresas particulares de colonização cadastradas no INCRA em terras particulares ou públicas. As pessoas qualificadas para participar deste projeto eram agricultores de média renda e que tinham possibilidades de crédito bancário. Mas em Rondônia predominou amplamente a Colonização Oficial, conforme o modelo denominado Projeto Integrado de Colonização (PIC).

No início da década 1970, no governo Médici, foi aprovado o I Plano Nacional de Desenvolvimento, este, conforme explica Quoos (2007), buscava criar mecanismos para organizar a gestão do Estado brasileiro. No âmbito desse Plano, foi aprovado o Programa de Integração Nacional (PIN), que, segundo Mello (2006), tratava-se de um conjunto de medidas visando a integração da região ao país. Propunha-se, como estratégia de povoamento, fixar na Amazônia parte do “excedente populacional” de outras regiões. Para tanto, estabeleceu-se dois objetivos prioritários, segundo Loureiro (2010): a) construção de eixos rodoviários como a Transamazônica, e a ligação de Brasília com Cuiabá, Rio Branco e Manaus; b) a ocupação via colonização das terras amazônicas cortadas por esses eixos.

Em razão da colonização, foram reservadas faixas de terras de até dez quilômetros de ambos os lados das novas rodovias que seriam utilizadas para a ocupação colonizatória, aplicando-se os recursos do PIN. (RABELLO,2004: p.124).

A Rodovia Brasília-Cuiabá também é conhecida como BR-364, esta, de acordo com Silva (1984), foi o estopim que deflagrou a ocupação de Rondônia. Migrantes procedentes do Paraná, Espírito Santo, Minas Gerais, do Nordeste e do Sul, ocuparam as margens da estrada e iniciaram a penetração para o interior. No começo, foram encaminhadas pelas colonizadoras Calama S/A e Itaporanga S/A, posteriormente tal processo passou a ser realizado pelo INCRA. O plano de colonização mencionado acima recebeu o nome de Projeto Integrado de Colonização (PIC), sendo implementado pelo Instituto Nacional de Colonização e Reforma Agrária (INCRA).

Sobre o PIC:

*O PIC (Projeto Integrado de Colonização) foi uma modalidade generosa de assentamento. Distribuía lotes que variavam entre 100 e 110 hectares, com uma infraestrutura que incluía estradas vicinais e escola. Esses primeiros projetos funcionavam como uma espécie de cartão de visita da política do governo, servindo como chamariz para amigos e parentes dos assentados que não haviam sido suficientemente motivados a migrar. (THEODORO, 2005: p. 94):*

Ainda de acordo com o referido autor, o primeiro foi o PIC Ouro preto (alvo de nossa pesquisa) implantado em 1970, no centro de Rondônia ao longo da estrada Cuiabá-Porto Velho, na área onde hoje estão assentados os municípios de Ouro Preto do Oeste, Nova União, Mirante da Serra, Teixeirópolis e Alto Paraíso. Nos anos seguintes foram instalados os PIC'S de Sidney Girão, Ji-Paraná, Paulo de Assis Ribeiro e Padre A. Rohl 1971, 1972, 1973 e 1975 respectivamente.

Em sua tese de doutorado intitulada *Desenvolvimento Regional na Periferia Amazônica*, Coy destaca algumas das razões pelas quais Rondônia foi escolhida como região prioritária para a colonização, são elas:

*A localização da região na continuidade da direção do movimento das frentes pioneiras do Centro – Oeste (Mato Grosso do Sul, Mato Grosso) rumo ao norte; a existência da estrada de Cuiabá- Porto Velho mantendo esta extensão da frente pioneira; a situação jurídica das terras de Rondônia facilitando a colonização oficial pela existência de uma porcentagem relativamente elevada de terras mais férteis do que dentro da média da região Amazônica (sobretudo no centro de Rondônia onde está localizado primeiro núcleo de Colonização). (COY: 1989 p. 175):*

O fator mais importante, ainda segundo o referido autor, que levou à escolha de Rondônia foi à abundância de terras novas públicas disponíveis para o propósito da colonização. Um grande atrativo para um enorme contingente de migrantes que nunca haviam possuído terra em sua região de procedência. Nesse sentido, é o que podemos observar na fala do agricultor Manuel Francisco de Oliveira, oriundo do Espírito Santo<sup>5</sup>, em depoimento colhido por Coy (1989: p. 175):

---

<sup>5</sup>Dispnoviel no Arquivo do Centro de Documentação e Estudos Avançados sobre Memória, Patrimônio e História de Rondônia – CDEAMPRO



*Lá no Espírito Santo era um terreno de muitas pedras, muitas montanhas e para nós que sempre trabalhamos na agricultura era muito difícil, primeiro que não tinha condições de adquirir terra e estava trabalhando muito com a divisão de renda, morávamos na terra de um fazendeiro, então a decisão de vir pra Rondônia.*

## **ELEMENTOS DA RECONSTRUÇÃO DA IDENTIDADE DO MIGRANTE.**

Em um processo de mudança geográfica o migrante procura manter elementos de seu cotidiano anterior, que são extraídos da experiência trazida de seu espaço de vivência anterior, isto é, da realidade de seu antigo modo de vida. Entendemos que estas famílias trazem em sua bagagem todo seu legado de tradição, valores culturais, enfim, uma gama de representações culturais que, juntamente com a expectativa delas de se fixarem em novos lugares, servem de motivação para ensejarem a reprodução de seus espaços vividos nessas novas realidades de moradia.

Para Halbwachs (2006: p.159), como também para Zambiasi (2000), quando algum acontecimento obriga que um grupo se transporte a um novo ambiente material, antes da adaptação o mesmo atravessa um momento de incertezas como se tivesse deixando para traz sua personalidade. Para o imaginário dos migrantes confinados apenas aos seus espaços geográficos como a casa, vila e seus arredores a viagem ganha uma conotação misteriosa, algo como rumo a um desconhecido que apavora e gera pesadelos. Mas o migrante, uma vez se decidido a partir, leva em suas lembranças formas de cultura que ele busca reproduzir de forma integral como meio de mitigar a mudança.

Nesse contexto, ocorre a manutenção de valores a partir da necessidade de se recriar ordem e percepção no relacionamento com o “eu” e o “nós”. Ou seja, o grupo sente necessidade de recriar elementos de coesão como, por exemplo, a religiosidade. Vestígios desta questão são perceptíveis nas narrativas orais destes migrantes<sup>6</sup>, onde é inexistente lembranças de seus avós, o que para Bosi (1994: p. 428) representa a quebra das raízes

---

<sup>6</sup> IDEM.



familiares pela migração. Um segundo vestígio que nos leva a tal afirmativa são algumas falas de nossos entrevistados em relação à viagem. Ao dizer de Dona Dovina: “Eu vim com o coração partido de lá, que eu sabia que parecia que nunca mais eu ia ver meus parentes”. Já para Genuína<sup>7</sup>: “Agora eu digo que vim de lá ate aqui sem triscar nada na boca, não tinha vontade de comer”.

Os migrantes ao se depararem com sua nova realidade tendem a reconstruir com seus elementos de identidade seu ambiente deixado para traz. Parafraseando Halbwachs (2006, p.159), “quando inserido num novo espaço o grupo o molda a sua imagem, mas ao mesmo tempo se dobra e procura se adaptar a coisas materiais que nele residem”.

A religião trazida pelos migrantes representa um fator de coesão do grupo, intermediando as relações que podemos entender como representações. A visão de mundo, o modelo de caráter ideal, a qualidade de vida, as disposições morais e éticas e a ordem, conforme explica Bassini (2004: p.1), tendem a ser recriadas num espaço de sociabilidade que envolve uma identificação afetiva. A experiência de recriar aspectos da identidade é assumida emocionalmente pelo grupo, acomodando um estilo de vida que seus membros acreditam ser ideal, o que culmina na elaboração de muitas práticas culturais que funcionam como elementos de coesão. É o que ocorre com todo grupo que passa por uma experiência de migração.

Neste contexto de resgate de valores há um elemento fundamental para a coesão do grupo: a religiosidade.<sup>8</sup> Este elemento aparece várias vezes como destaque nas representações nas narrativas de nossos colaboradores/depoentes. Sobre esta questão os autores Dolvina Lorenzette e Jerônimo de Oliveira atestam:

---

<sup>7</sup> IDEM.

<sup>8</sup>Neste trabalho Utilizamos conceito de religião e religiosidade de Manoel (2010: p.10). Por religião o referido autor entende o conjunto de doutrinas e práticas institucionalizadas cujo objetivo é fazer a ponte de ligação entre o sagrado e o profano, o caminho de reaproximação entre criatura e criador, o Homem e Deus. Já a religiosidade revela um atributo humano de busca do sagrado, sem especificar o que seja esse sagrado, tanto como fuga quanto como explicação para o real vivido ou ainda mesmo para negociações e entendimentos com as divindades na procura por resoluções e problemas cotidianos.

*Mais disso tudo o que mais eu senti falta foi da estrada, naqueles barraquinhos ruins que agente morava quando dava uma chuva de vento já atravessava pro outro lado e pra gente sair era aquela dificuldade tremenda, a falta da comunidade, da igreja, o que eu mais ficava triste é que dava domingo e não tinha pra onde ir com quem conversar, agente se reunia, e até que agente fez muita união, juntamos os vizinhos que morava mais perto e rezávamos o terço não tinha o que fazer, tanto mulheres como os homens rezavam o terço.*

*Meu tio veio de Ouro Preto, conseguiu uns folhetos lá na comunidade de Ouro Preto lá na Paróquia e nós começamos a celebrar o culto. Então no mês de fevereiro de 78 a dona Dirce que era a diretora antiga de Ouro Preto e o padre finado Camaione vieram a primeira vez. Foi mesmo que tivesse descido Deus do céu. Eles vieram de helicóptero, mas foi uma festa, foi uma alegria pra nós.*

*Em 81 surgiu o núcleo, então começamos ali, já havia a Escola Maria Gorete. Quando fundou a escola e a igreja foi um motivo de muita alegria pra nós e depois continuamos, porque o helicóptero veio e deixou o finado padre Camaione e a Dirce Amaral aquela que foi a antiga diretora lá de Ouro Preto não sei se ainda é. Tudo que agente pode ajudar os outros, agente ajuda, agente visita os doentes vamos para igreja, nós somos da igreja católica somos fundados na igreja católica toda vida nunca nos afastamos<sup>9</sup>.*

Percebemos ativamente a presença da continuidade da religiosidade entre os migrantes. A reconstrução desta prática ganha um aspecto de coesão e ordem para o grupo que passa por uma experiência de mudança. Neste sentido, Droogers (2008: p. 14) afirma que entre os migrantes a religião é uma forma daquilo que ele chama de segurança existencial ontológica. Fazendo referência exatamente à função que tal prática representa para a afirmação da identidade do grupo que faz uma mudança espacial.

Ainda sobre a manutenção da identidade, Halbwachs (2009: p. 30) entende que sociedades com expressões religiosas estão fundamentadas em uma comunidade de crenças que tem como objeto seres imateriais, essas associações estabelecem laços invisíveis entre seus membros". Rubens Alves (1996: p. 11) discute que a religião não se liquida com a abstinência dos atos sacramentais e a ausência dos lugares sagrados.

**Figura 1** - Mesa de Dona Luiza, Moradora de Nova União – RO.

---

<sup>9</sup> Arquivo do Centro de Documentação e Estudos Avançados sobre Memória, Patrimônio e História de Rondônia – CDEAMPRO



Foto: Sheila Castro 2009, Acervo CDEAMPRO

Na Figura um e dois, vê-se o espaço doméstico de dona Luiza repleto de elementos religiosos que remetem a representações do grupo ao qual esta se insere. Na segunda imagem observa-se ao fundo o Sagrado Coração de Jesus e o Imaculado Coração de Maria, neste ambiente percebemos a manifestação da religiosidade católica, que de acordo com *O Culto aos Santos: A Religiosidade Católica e seu Hibridismo* “se dão através do culto aos santos reconhecidos ou não pela igreja, uma prática que está presente desde a constituição da hierarquia cristã” (ANDRADE: 2010, p. 130). Conforme em sua obra *Memória Coletiva*, Halbwachs (2009: p. 157-182) afirma: "as lembranças de um grupo religioso são trazidas pela visão de determinadas localizações, a forma como a casa, os móveis são arrumados lembram a família e amigos desses grupos",

**Figura 2** - Dona Luiza, Moradora de Nova União – RO.



Foto: Sheila Castro 2009, Acervo CDEAMPRO

Ainda para Halbwachs, não há lugar no qual um cristão não possa invocar deus. A memória do grupo é contínua, por conseguinte, transcende o espaço e o tempo de um lugar para se reproduzir em outro. Sendo assim, o indivíduo se reconhece em seus elementos identitários reproduzidos num novo espaço, tendo a impressão de que nada mudou. Dessa forma, a memória passa a ter a função de reconhecer o passado no presente. (BOSI: 1994).

**Figura 3** - Primeira igreja da Linha LC 80, Comunidade Nossa Senhora da Guia, foto Externa e interna.



Foto: Autor desconhecido, Acervo CDEAMPRO

**Figura 4** - Foto Atual Da Igreja Comunidade Nossa Senhora da Guia e parte interna da casa de Nivaldo Lucas.



Foto: Amanda Rayery, junho 2011 – Acervo CDEAMPRO.

Outro exemplo da manutenção religiosa está nas fotografias do álbum de família de Nivaldo Lucas, migrante oriundo do Espírito Santo, morador da área há mais de trinta anos. As figuras três e quatro mostram a igreja nossa senhora da guia, primeira da Linha Lc 80 localizada na zona rural da cidade de Ouro Preto do Oeste – Rondônia. Sua construção tem origem em um terreno cedido a partir da propriedade de Nivaldo Oliveira, segundo este toda comunidade se organiza e “ergue” nas palavras dele a referida igreja, com o intuito de celebrações já conhecidas e praticadas por estes migrantes de sua região de origem. Isto revela uma estratégia da capacidade de superação e estímulo destes migrantes de relembrem representações anteriores, que pretendem se fixar e exercê-las em sua nova realidade.

O elemento religioso é tão importante entre migrantes desta região que Nivaldo Oliveira traz em seu álbum (figura cinco) uma fotografia estilo cartão postal da igreja matriz na cidade de Ouro Preto, mostrando assim que a memória trabalha com a identidade visto que é nos momentos de conflitos e confrontos, como num processo migratório, que se faz necessário defender seus valores através da continuidade destes. (POLLAK: 1992, p. 206-207)



**Figura 5** - Igreja Matriz de Ouro Preto do Oeste – RO, início da década de Noventa.



Autor Desconhecido, Acervo CDEAMPRO.

Conforme explica Tuan (1983: p. 166), os seres humanos têm grandes poderes de recuperação, com a desconstrução de um centro do mundo, outro pode ser construído próximo dele ou totalmente em outra localidade. Podemos observar isso na fala de Dona Dolvina Lorenzette, segundo esta não foi nada fácil recomeçar ao chegar a Ouro Preto, não possuíam nada, mas mesmo assim decidiram por continuar em seu lote. Entendemos que esta vontade de continuar não se deu apenas pela necessidade de trabalho ligado a terra, mas também porque estes migrantes deram continuidade a suas práticas de representações. Na própria fala de Dolvina Lorezentte, citada acima, o ponto de maior dificuldade no início da empreitada, era a falta de uma convivência social religiosa aos domingos, passado este momento de adaptação e, as relações entre o “eu” e o “nos” restabelecidas, a religiosidade funcionou como um elemento de manutenção da identidade destes migrantes.

#### **ALGUMAS CONSIDERAÇÕES.**

No trabalho aqui apresentado procuramos pautar nossa abordagem na dita História Cultural, investigando como o sistema de crença bem como comportamentos foi reconstruído na nova realidade do migrante por meio de suas representações culturais, recriando assim antigas formas de sociabilidade.

O tema aqui tratado é extremamente amplo e em nenhum momento se pretendeu esgotar as discussões, tanto no recorte espaço-temporal da pesquisa, como sobre representações e identidades. Este arcabouço é vasto, podendo ser explorado sob outras perspectivas. Esperamos contribuir para o embate, visando entender como os migrantes vivenciam e reconstróem suas realidades.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALBERTI, Verena. Fontes Oraís. In: PINSKY, C. B. (Org.). *Fontes Históricas*. 2. Ed. São Paulo: Contexto, 2010. p. 157-160.

ALVES, Rubem. *O que é religião*. São Paulo: Brasiliense, 1996.

ANDRADE, Solange Ramos. *O Culto aos Santos: a religiosidade católica e seu hibridismo*. Disponível em: <http://www.dhi.uem.br/gtreligiao/pdf6/6Solange.pdf>. Acesso em 15 de Janeiro de 2010.

BASSINI, Marili. Religião e identidade étnica: a Primeira Igreja Batista Leta de Nova Odessa – 1906-1922 E 1980-2002. In: XVII encontro regional de História., 2004. São Paulo. **Anais eletrônicos...** Disponível em: [www.anpuhsp.org.br/downloads/cdxvii/stxviii/marilibassini.pdf](http://www.anpuhsp.org.br/downloads/cdxvii/stxviii/marilibassini.pdf) acesso Janeiro de 2013.

BECKER, Berthar K. *Amazônia*. São Paulo: Ática, 1990.

BURKE, Peter (org.). *A escrita da história - novas perspectivas*. São Paulo: Edunesp, 1992.

CARDOSO, Ciro Flamarion; VAINFAS Ronaldo (Org.). *Domínios da História: Ensaios de Teoria e Metodologia*. Edição, Rio de Janeiro: Campus, 1997.

CORRÊA, Roberto Lobato. “Espaço: Um conceito-chave da geografia” in CASTRO, Iná Elias; GOMES Paulo César da Costa (Org.) *Geografia: Conceitos e Temas*. Rio de Janeiro:



Bertrand Brasil, 2010.

COY, Martin. *Desenvolvimento Regional Na Periferia Amazônica: Organização do espaço, conflitos de interesses e programas de planejamento dentro de uma região de “ponteira”. O caso de Rondônia*. 1989. P.175. Tese de Doutorado. Universidade Federal do Pará. Belém. Disponível em [:http://horizon.documentation.ird.fr/exldoc/pleins\\_textes/pleins\\_textes\\_7/b\\_fdi\\_03\\_01/3778\\_0.pdf](http://horizon.documentation.ird.fr/exldoc/pleins_textes/pleins_textes_7/b_fdi_03_01/3778_0.pdf) acesso em 25 de setembro de 2011.

DROOGERS, André. *Religião, identidade e segurança entre imigrantes luteranos da Pomerânia, no Espírito Santo (1880-2005)*. Revista Religião e sociedade, Rio de Janeiro, vol.28 n.1 Julho 2008.

ELIADE, Mircea. *O Sagrado e o Profano: a essência das religiões*. São Paulo: Martins Fontes, 1996.

HALL, Stuart. *A identidade cultural na pós-modernidade*. Rio de Janeiro: DP&A, 2001.

\_\_\_\_\_. *Da Diáspora, identidades e mediações culturais*. Belo Horizonte: UFMG, 2003.

HALBWACHS, Maurice. *A Memória Coletiva*. São Paulo: Centauro, 2009.

LEITE, Adriana Filgueira. *O Lugar: Duas Acepções Geográficas*. Rio de Janeiro: Anuário do Instituto de Geociências/ UFRJ, 1998.

LOUREIRO, Bernardo Pacheco. *O Plano de integração nacional de 1970 e as rodovias na Amazônia: o caso da região amazônica na política de integração do território nacional*. São Paulo, 2010, Disponível em: [http://www.usp.br/fan/cursos/graduação/arq\\_urbanismo/disciplinas/0270/6t\\_alun/2010/m/1010-loureiro.pdf](http://www.usp.br/fan/cursos/graduação/arq_urbanismo/disciplinas/0270/6t_alun/2010/m/1010-loureiro.pdf). Acesso em 16 set. 2012.

MANOEL, Ivan Ap. *História, Religião e Religiosidade*. Disponível em: <http://www.dhi.uem.br/gtreligiao/pdf/03%20Ivan%20Ap.%20Manoel.pdf>. Acesso em fevereiro de 2013.

MELLO, Neli Aparecida de. *Políticas Territoriais na Amazônia*. São Paulo: Annablume, 2006.

MOSER, Lilian Maria. *Formação de Capital Social do Desenvolviemnto Sustentável no Mundo Rural Rondoniense: A Organização dos Sistemas Alternativos de Produção dos Produtores de Ouro Preto d'Oeste – RO*. 2006. P 50-192. Tese de Doutorado. Universidade Federal do Pará. Belém.

\_\_\_\_\_ *A Mulher Na Colonização: O Papel Da Mulher No PIC-Ouro Preto Em Rondônia*. Pará: Núcleo de Altos Estudos Amazônicos/ NAEA, 2008. Disponível em:<<http://www.ufpa.br/naea/siteNaea35/anais/html/geraCapa/FINAL/GT7-135-1257-20081125235051.pdf>>. Acesso em 06 de Outubro de 2012.

PESAVENTO, Sandra Jatahy. *História e História Cultural*. 2. Ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2003.

POLLAK, Michael. Memória, Esquecimento, Silêncio. *Estudos Históricos*, Rio de Janeiro, v.2, p 3-15.1989.

QUOOS, Rodrigo Diego. *Desenvolvimento Rural Sustentável na região de Ouro Preto do Oeste: Desafios da Ater Agroecológica*. Santa Maria, 2007. Disponível em: <<http://www.ufsm.br/desenvolvimentorural/textos/relatoriorodrigoquoos.pdf>>. Acesso em 05 set. 2011.

RABELLO, Antônio Cláudio Barbosa. *A Invenção do Outro: Representações do Desenvolvimento e da Fronteira Amazônicas*. 2004. Tese de Doutorado. Universidade Federal de Rondônia.

SILVA, Amizael Gomes da. *No Rastro dos Pioneiros*. Rondônia: Seduc, 1984.

THOMPSON, Paul. *A Voz do Passado-História Oral*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1998.

TUAN, Yu - Fu. *Espaço e Lugar: A Perspectiva da Experiência*. São Paulo: Edifel, 1983.

TUAN, Yi Fu. *Topofilia: Um estudo da percepção, atitudes e valores do meio ambiente*. Trad. Livia de Oliveira. São Paulo: Difel, 1980.

ZAMBIASE, José Luis. *Lembranças de velhos : Experiência dos velhos migrantes italianos do oeste catarinense*. 2ª Ed. Chapecó: Universitário Grifos, 2000.